

A caridade do Preciosíssimo Sangue nos escritos paulinos¹

The charity of the Precious Blood in Pauline writings

MARIA CLARA DA SILVA MACHADO¹

Resumo: O presente artigo é fruto do Seminário realizado na Faculdade de São Bento – RJ- por ocasião da Celebração do Centenário de nascimento de São Tomás Maria Fusco Fundador da Congregação das Irmãs do Preciosíssimo Sangue. A proposta para a presente apresentação foi um pequeno itinerário por alguns textos do epistolário paulino que tangenciam o tema do Corpo e Sangue de Jesus Cristo. Por possuir um caráter pastoral, o presente artigo, resultado da palestra apresentada, abre mão do rigor exegético que compete a um texto de caráter mais científico.

Palavras-chave: Sangue. Paulo. Caridade. Beato Tomás Maria Fusco.

Abstract: This article is the result of the Seminar held at the Faculty of São Bento – RJ – on the occasion of the Celebration of the Centenary of the birth of St. Thomas Mary Fusco, Founder of the Congregation of the Sisters of the Most Precious Blood. The proposal for the present presentation was a short itinerary through some texts of the Pauline epistle that touch on the theme of the Body and Blood of Jesus Christ. Because it has a pastoral character, the present article, the result of the lecture presented, relinquishes

1 Doutora em Teologia Bíblica pela PUC-Rio de Janeiro. Professora na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. Contato: claramachado.prof@gmail.com

the exegetical rigor that belongs to a text of a more scientific character.

Keywords: Blood. Paulo. Charity. Blessed Thomas Mary Fusco.

Introdução: um breve histórico sobre o apóstolo Paulo

A figura de São Paulo, o evangelizador dos gentios, em seu período anterior à sua conversão, é, por vezes, considerado sombrio ou mau por ter sido um perseguidor dos cristãos, contudo, se olharmos com atenção veremos que Deus o preparou remotamente para a missão que haveria de executar.

São Paulo pertence à tribo de Benjamim (cf. Rm 11,1; Fl 3,5), provavelmente nasceu nos primeiros anos da era cristã, seu pai não era judeu, era um pagão, um cidadão romano (cf. At 22,28) e residia na cidade de Tarso (cf. At 21,39).

São Paulo foi circuncidado segundo a norma judaica (cf. Lv 12,3) e recebeu o nome de Saulo (o implorado), era fariseu² (cf. At 23,6; Fl 3,5), o que o tornou irrepreensível na justiça e na Lei (cf. At 3,6).

Paulo possuía uma educação esmerada, foi educado em língua aramaica e na observância da Lei e das prescrições dos antepassados. Possivelmente leu

2 Partido religioso do judaísmo (são quatro: fariseus, saduceus, zelotas e essênios) que se aplicava a estudar profundamente a lei mosaica e as tradições dos antepassados, e defendiam a mais rigorosa observância da sua interpretação da lei, principalmente em matéria de sábado, de pureza ritual e dízimo. O nome farisaicos (farisaicos) é derivado do aramaico perissayya, os separados. Eram assim chamados por seus adversários, porque a sua severa interpretação da lei os obrigava a uma separação rigorosa da “massa dos impuros”.

Os fariseus são opositores dos saduceus, a classe sacerdotal. Eram leigos e a única coisa que lhes dava autoridade era a sua ciência. Gozavam de grande prestígio entre o povo, do qual eram os verdadeiros líderes religiosos. Não tinham programa político, mas puramente religioso, em oposição aos zelotas, mas defendiam a teocracia. A doutrina dos fariseus defendia a existência dos anjos, a ressurreição, a imortalidade (cf. Mt 22,23-33; At 23,6-10), contrariando a opinião dos saduceus negavam estes elementos.

Jesus nos Evangelhos é bastante severo com os fariseus (cf. Mt 23 os sete “ais”). O embate de Jesus com os fariseus estava no âmbito da mentalidade e não da doutrina. De fato, o comportamento soberbo e hipócrita, deste grupo é o ponto de conflito criando, desde o início em clima de oposição irreconciliável.

a Escritura em hebraico desde a infância. Aprendeu também o grego desde tenra idade, por ser a língua comum na cidade de Tarso.

Foi discípulo de Gamaliel em Jerusalém (cf. At 22,3), sob a direção deste, Paulo conheceu profundamente o Antigo Testamento e os métodos rabínicos.

Exercia a profissão de fabricante de tendas (cf. At 18,3) e esteve presente no momento do martírio de Estevão (cf. At 8,1).

Muitas vezes o farisaísmo é visto por alguns como um ponto negativo na formação humana e religiosa de São Paulo, contudo, gostaríamos de destacar alguns pontos positivos deste modo de viver: o farisaísmo dedica-se com seriedade e valoriza todos os elementos da religião; foram os guardas e herdeiros da revelação do AT; depois da queda de Jerusalém, mantiveram e sustentaram o judaísmo e a sua religião e concederam valor e zelo à tradição oral, por vezes, superior à própria Lei.

Pontos negativos: também podem ser elencados, tais como: princípios unilaterais que receberam censura da parte de Jesus; o zelo exagerado pela lei e pela pureza legal que trouxe como consequência o isolamento ativo (cf. Lc 18,9-14), o desprezo pela massa ignorante e impura; a mentalidade exclusivamente jurídica que acarretou um formalismo e uma postura hipócrita, além de uma estagnação da religião viva.

No contexto dos fariseus, Paulo distinguia-se pelo seu empenho e zelo às tradições religiosas e éticas do judaísmo (cf. Gl 1,14; Fl 3,6). Será exatamente esta fidelidade que o levará a assumir uma atitude intransigente com relação aos cristãos. A intransigência de Paulo pauta-se no desejo mais sincero de defender a genuína herança judaica, sua luta é contra os promotores de desvios, a saber: os cristãos.

Aos olhos de Paulo o reconhecimento da messianidade de Jesus de Nazaré assemelhar-se a uma atitude ímpia, posto que os escritos do AT declaravam maldito, por Deus, aquele que fosse crucificado (cf. Dt 21,23). Sendo assim, o reconhecimento de um Messias crucificado soava aos ouvidos do fariseu Paulo, como uma heresia. Agravando ainda mais a situação, Paulo, o fariseu, constatava o distanciamento da Lei mosaica vivido pelos seguidores do cristianismo. Diante deste cenário, podemos compreender que o que move o agir de Paulo contra os cristãos é a fé de judeu, ele se opõe à “seita” cristã nascida dentro das sinagogas hebraicas da Palestina e da diáspora.

Diante de tal determinação no agir de deste jovem fariseu, só podemos dizer que sua conversão³ é totalmente inesperada. No próprio dizer de Paulo

3 A palavra conversão tem sua raiz no verbo *bwv* (*shuv*), seu sentido original reside no

Ele foi “apreendido” por Cristo (cf. Fl 3,12), por obra da graça divina e por uma eleição e vocação especial (cf. Gl 1,1-15). A conversão leva Paulo à uma experiência pessoal duríssima – ele está só: os judeus o têm por traidor e os cristãos por espião.

As primeiras ações de Paulo após a sua conversão foram: permanecer alguns dias em Damasco com os discípulos (cf. At 9,20); discutir com os judeus desta cidade, provando-lhes que Jesus era o Messias (cf. At 9,22ss), o que os motivou a matar Paulo, por isso, foi rapidamente retirado da cidade num cesto pelos cristãos (cf. At 9,23-25). Depois de um período de três anos após a sua conversão, Paulo vai a Jerusalém para estar com Pedro, lá é recebido pelos discípulos com justa desconfiança (cf. At 9,26-29), mas defendido por Barnabé e é obrigado a fugir para sua cidade natal – Tarso. Tempos depois dará início ao seu trabalho missionário, tradicionalmente apresentamos em três viagens: 1ª viagem- At 13,1-14,28 (±45-48); 2ª viagem At 15,36-18,22 (± 49-52); 3ª viagem At 18,23-21,14 (±52-56 / 53-58)

Será ao longo destas viagens, precisamente durante a segunda e terceira viagem que Paulo redigirá seu epistolário, sobre o qual nos debruçaremos agora.

Rm 3,23-26

23sendo que todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus — 24e são justificados gratuitamente, por sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus: 25Deus o expôs como instrumento de propiciação, por seu próprio sangue, mediante a fé. Ele queria assim manifestar sua justiça, pelo fato de ter deixado sem punição os pecados de outrora, 26no tempo da paciência de Deus; ele queria manifestar a sua justiça no tempo presente para mostrar-se justo” e para justificar aquele que é pela fé em Jesus.

âmbito do movimento em direção oposta ao que se vinha executando, mais precisamente, o sentido de retorno ao princípio. Contudo, habitualmente, é usado em perspectiva teológica para indicar a conversão.

As implicações teológicas contidas nesta perspectiva são significativas, pois implicam em considerar a conversão como um retorno a uma antiga relação ou *um princípio totalmente novo na relação do homem com YHWH*. Assim, poderíamos dizer que o verbo *bwv*, em seu emprego religioso, tem Deus como motivador e destinatário do movimento de retorno do homem.

O verbo *bwv*, pode ser encontrado tanto no sentido de movimento físico ou de retorno a um estado, uma situação ou personagem, como no teológico, onde a ideia de movimento expressa uma relação religiosa. Cf. VETTER, D., “hNEhi”, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento II*, 1113; HOLLADAY W. L., *The Root Šubh*, 7-9.

Cristo morreu em nosso favor - gostaríamos de destacar aqui o elemento de expiação: em meu lugar Cristo morre. A justiça de Deus aqui supera aquela exigida pelo pacto veterotestamentário, que exigia que se aplicasse a pena àquele que havia quebrado o pacto. O pacto do paraíso – Não tocarás na árvore da ciência do bem e do mal foi quebrado pelo homem, e ao longo do AT, tantas outras alianças, logo, sobre ele deveria vir todas as consequências previstas.

São Paulo enfatiza a gratuidade com que o Filho de Deus derrama o seu Sangue (*háima*) e ao, mesmo tempo, põe em relevo a necessidade da relação de fé do homem com esta entrega gratuita do Pai que doa o Filho e do filho que derrama seu sangue por nós, derrama a sua vida, doa a sua vida. Não é crer em qualquer elemento hipotético, é crer em algo concreto, vivido e testemunhado por muitos. É real.

Na festa anual do Kippur ou Expição o sumo sacerdote aspergia o povo com o sangue da vítima sacrificial a fim expiar (pagar) as culpas do pecado. Na cruz, o sangue derramado por Cristo expia os nossos pecados, Ele é a vítima inocente, é um Deus, que morre para dar a vida à sua criatura, não mais um animal simbolizando, mas o próprio Deus se doando, dando sua vida pela criatura pecadora. É uma grande inversão, pois é o ofendido oferecendo-se para pagar no lugar daquele que ofendeu. É o inocente, entregando-se no lugar do culpado – é um ato heroico.

O pecado é algo tão grave, é algo tão sério que só um ato de profundo reconhecimento do valor do sangue preciosíssimo de Cristo derramado por nós nos levará à uma mudança interior, à uma adesão ao Cristo, à uma conversão que gerará a aceitação da mediação de Cristo, ele é a nossa ponte, ele é Pontífice, com o Pai e será sempre Ele a nos anunciar o Evangelho da Salvação.

Expressão “estão privados da glória de Deus” (v.23) revela a situação em que se encontra o homem quando está em pecado. Pecado é a carência da vida da graça, o que nos impede de orientarmo-nos para o nosso fim sobrenatural. É estar privado do direito à glória que a graça santificante confere e, por conseguinte não se manifestam naquelas perfeições divinas que se refletem na vida sobrenatural.

O v.24 a justificação, ser feito justo (cf. Rm 1,17) deve-se a uma ação gratuita da parte de Deus a redundância apresentada por São Paulo, “gratuitamente” e “por Sua graça”, reforça a origem divina da ação que dá ao homem, mergulhado no pecado e apartado da visão de Deus, um novo estado,

imerecido da parte do gênero humano, mas doado benevolmente por Deus Pai através do sacrifício de Seu Filho na cruz.

O dom gratuito de Deus não retira do homem a sua responsabilidade, ele deve responder livremente através da obediência aos Mandamentos da Lei de Deus.

Esta adesão aos Mandamentos conduzirá o homem nascido do Primeiro Adão, a caminhar rumo ao Novo Adão, Jesus Cristo, a Vítima Expiatória, o redentor, aquele que pagou por nós preço de sangue para resgatarmos-nos da escravidão do pecado (cf. Rm 6,23). Por certo que não incorreríamos em exagero se disséssemos que através deste ato expiatório passamos ao domínio, somos propriedade de Cristo (cf. Is52,3), Ele nos retira, pelo poder de seu sangue das cadeias do pecado que livremente preferimos em lugar do amor do Criador e nos devolve ao legítimo proprietário: Deus Pai, nosso criador (cf. Gn 1...2....)

v. 23-26

No ato da criação, pertencemos tão somente à Santíssima Trindade, n'Eles está nossa origem, verdade e finalidade; o pecado nos rouba desta realidade e nos conduz ao afastamento de Deus Pai.

O caminho para o nosso retorno passa pelo grandioso mistério da Encarnação e tem seu ápice no mistério do sacrifício do Filho que se entrega. A Encarnação do Verbo (cf. Jo 1,14) é o grande anúncio da regeneração do gênero humano pelo sangue preciosíssimo de Cristo derramado da cruz como resgate.

V.25

No AT o propiciatório, instrumento de expiação, cobria a Arca da Aliança (Êx 25,17-22) tinha dupla função: era como que um trono de Deus (cf. Sl 80,2; 99,1) através do qual fala a Moisés (cf. Nm 7,89; Êx 37,6) e onde se implorava o perdão dos pecados durante a Festa da Expição (cf. Lv 16,1ss), neste dia o sumo sacerdote aspergia o propiciatório com o sangue de animais sacrificados implorando o perdão dos pecados dele mesmo e também do povo.

No NT, Jesus é o propiciatório por excelência. Faz-se mister recordarmos aqui a imensidão catastrófica da realidade chamada pecado. Nada poderia reparar a falta por nós cometida, não havia meios para reatar a ruptura estabelecida, por esta razão, necessitávamos tanto da justificação, será através da Encarnação que o próprio Deus, como Cordeiro (Ap 5,6), será imolado na cruz para a redenção de muitos (cf. Mt 20,23).

Na Missa, o Preciosíssimo Sangue de Cristo, continuamente, se derrama em expiação e resgate para que o gênero humano possa desfrutar da presença de Deus, da graça que Ele nos dá mediante seu sacrifício.

V.26

“no tempo da paciência” tempo anterior à vinda de Cristo. Os pecados estavam por satisfazer, por justificar, embora a Lei de Deus existisse e ser o veículo de expiação, permanecia insuficiente para resgatar o homem do pecado. Tamanha é a ofensa causada pelo pecado que a Lei não se converte em instrumento suficiente para resgatar, somente o Sangue Preciosíssimo de Cristo pôde justificar o homem (cf. Rm 1,17.)

Rm 5,8-9

8Mas Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando éramos ainda pecadores. 9Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

O capítulo quinto da carta aos romanos coloca-nos diante da mais bela forma de amor, a saber: o amor oblativo⁴.de Deus Pai que entrega seu Filho para resgatar a criatura humana decaída.

É por causa deste amor oblativo que Cristo morre por nós quando ainda éramos pecadores, isto é, Cristo livremente se entrega quando ainda não gozávamos de sua graça, quando estávamos mergulhados na indignidade, no pecado, afastados d’Ele em função do mau uso da nossa liberdade.

O amor oblativo de Deus deixou-se crucificar! Ao encarnar-se Jesus estabelece a justa unidade entre o amor *eros* e o amor oblativo para, pedagogicamente, apresentar ao homem o que vem a ser o amor de Deus. O Papa Bento XVI nos diz que embora o *eros* inicialmente contenha a fascinação pela grande promessa de felicidade, pode à medida que se aproxima do outro, procurar sempre mais a felicidade do outro, preocupando-se cada vez mais

4 O Papa Bento XVI, em sua Carta Encíclica Deus caritas est propõe um questionamento sobre a essência do amor inserida na dinâmica interior da fé bíblica. O primeiro contraponto proposto pelo papa Bento XVI está vinculado ao problema dos significados da palavra amor que normalmente apresentamos sob o véu de uma dicotomia, ou ele é *eros* ou é ágape. Para Bento XVI, antes de impormos tal cisão entre os vocábulos, deveríamos observar que no fundo uma certa unidade entre eles.

Na verdade, ao indicar a existência de uma unidade entre os vocábulos a visão proposta pelo Papa nos conduz tanto àquilo que parece ser o cerne da mensagem sobre o amor anunciada tanto pela Bíblia, quanto pela Tradição da Igreja. Por conseguinte, o amor oblativo estaria vinculado a experiência humana do amor que se expressa através da unidade do *eros* e do ágape expressão do amor fundado sobre a fé e por ela plasmado. Cf. Bento XVI - Deus Caritas Est. nº7.

com o outro, doando-se e desejando existir para o outro⁵. Será a partir desta nova vivência do *eros* que o *agape* será nele inserido e com ele o amor oblativo assumirá contornos e traços jamais imaginados pelo homem.

O amor oblativo, contudo deve ser entendido como um doar-se sem limites, ele também deve aprender a receber. Aquele que quer dar amor, deve também recebê-lo como um dom, ou seja, deve ser uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7,37-38). O amor oblativo é um convite a amar e se deixar amar. Aprendemos a amar com o Cristo e com Ele aprendemos a consentir que também sejamos amados (cf. Jo 12,1-8). O amor que se deixa crucificar oferece uma imensa pedagogia do amor unindo o *eros* e a oblação com o objetivo de dar ao homem, marcado pelo pecado original, a salvação, prova maior de seu amor oblativo, amor que brota do coração transpassado de Jesus na cruz (cf. Jo 19,34) Amor traduzido no derramamento de seu Preciosíssimo Sangue para a nossa redenção. Deus.

O amor oblativo é, portanto, capaz de em meio a tanta distância do amor de Deus imposta pelo pecado, trazer de volta o homem, objeto deste amor. O veículo e o meio para este retorno é o Sangue Preciosíssimo de Cristo, é a sua imolação na cruz que retira dos ombros do homem o peso de uma sentença condenatória conquistada pelo pecado dos primeiros pais (cf. Gn 3,1-7). De condenados que seríamos, e este era o objetivo de Satanás quando induziu o homem ao pecado, temos agora a justificação, fomos tornados justos ao preço de sangue, a preço de vida.

Ef 6,12

12 Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne, mas contra os Principados, contra as Autoridades, contra os Dominadores deste mundo de trevas, contra os Espíritos do Mal, que povoam as regiões celestiais.

Nesta perícopie o vocábulo sangue (αἷμα)⁶ não possui o caráter redentor, oblativo e sacrificial como temos visto nos textos anteriores, aqui, São Paulo nos recorda uma outra semântica aplicada ao vocábulo sangue e carne, a saber: cólera (cf. Ez 33,25); defraudação (cf. Sl 55,24), engano (cf. Prv 6,17s)... Ao dirigir-se aos cristãos de Éfeso o apóstolo dos gentios é enfático ao alertar para o estado de prontidão que o cristão deve assumir em seu dia a dia, pois neste mundo, isto é, ao longo dos nossos dias, lutaremos contra a realidade da carne

5 Cf. Deus Caritas est , nº 7.

6 Cf. DANKER, F. W.; *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*. Chicago e London, The University of Chicago Press, 2000³, p.25.

e do sangue. É em função desta mudança semântica que gostaria de pôr em relevo esta veemente advertência de São Paulo.

Neste escrito à cidade de Éfeso, São Paulo deixa claro que o Preciosíssimo Sangue de Cristo é redentor, não o nosso. O nosso está marcado pelo pecado (cf. Gn 3,1-24), logo será contra aquilo que marca o nosso ser, será contra o pecado e o autor do pecado das origens, Satanás e seus anjos, que travaremos nossa mais acirrada batalha.

Não lutaremos tanto contra pessoas que, eventualmente, buscam confundir nosso caminho rumo ao amor oblativo de Deus ou que pretendam desviar-nos do nosso caminho, antes, ela se dará contra nós mesmos, nós somos nosso maior inimigo porque age em nós o pecado que deseja tão somente nos desviar do processo de salvação de nossa alma. É o postergar da luta para salvarmos a nossa alma que, por vezes, nos leva a sermos condescendentes com o pecado, por isso, pode ser que nossa maior batalha espiritual se dê em nosso interior, no nosso coração que luta contra nossas inclinações pecaminosas, talvez aqui travemos nossa maior e mais intransigente peleja.

Por um tempo, tal como nos ensina o livro de Jó Satanás tem permissão para causar danos (cf. Jo 1, 6-13). Esta permissão é para nós um mistério, o mistério da iniquidade no dizer de São Paulo (cf. 2Ts 2,7-8) que atua neste mundo, contudo, não como um senhor e vencedor, mas um inimigo derrotado (cf. Cl 2:15). A sua derrota é certa e real, apesar disso, ele ainda age e ataca os que foram redimidos pelo Sangue Preciosíssimo de Jesus (cf. Ap 5,9-10; cfr. Rm 8,24; 1Pdr 1,18-19). Outro campo onde a batalha é travada é a Igreja de Cristo, de fato, Jesus deixou a Igreja para dar continuidade a essa batalha até o fim dos tempos (cf. Mt 16,18; 28,20; Ap 21,2), a fim de que os redimidos pelo seu sangue possam gozar da liberdade dos filhos de Deus. É na Igreja de Cristo, nossa pátria neste mundo, com ela e através dela que guerreamos até o fim dos tempos. Em cada sacramento, nos Mandamentos, nas Escrituras, na oração cotidiana e no Magistério oficial encontramos a devida munição para seguirmos em combate.

Embora nossa batalha espiritual inclua nossos desejos desregrados, nosso maior oponente é o pecado do orgulho, do ódio, da ganância, da luxúria, da hostilidade ao evangelho ou ao estilo de vida pedido por Deus. Tais manifestações do pecado constituem verdadeira oposição àquilo que Deus aspira para o ser humano, sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-28).

Sendo assim, a luta genuína se dá contra as manifestações da carne e do sangue, ou seja, da nossa realidade humana corrompida pelo pecado, que impedem que nossas vontades estejam em sintonia com a vontade de Deus. Tal aversão à vontade de Deus ocorreu porque nos deixamos seduzir por Satanás e

seus anjos decaídos. Não por acaso, nossa realidade humana (carne e sangue) são o alvo de principados e potestades; alvo do príncipe deste mundo (cf. Jo 12,31; 14,30; 2Cor 4,4-6)

A batalha é, de fato, real, não à toa que São Paulo recorre à imagem militar para ilustrar o conflito do cristão com Satanás (cf. Ef 6,13-17). Expressões como elmo, couraça, armadura, calçados não eram estranhas aos destinatários da carta, acostumados com os soldados romanos e seus equipamentos de guerra, o próprio São Paulo, encontrava-se acorrentado a um soldado romano (cf. Ef 6,20) exatamente por pregar o Evangelho e lutar contra o principado que age neste mundo para roubar as almas das mãos de Deus.

Além da luta contra o sangue temos mais três grandes oponentes: o mundo, a carne e o diabo (cf. Ef 2,1-3).

“O mundo⁷” neste contexto, refere-se às estruturas sociais que estão ao nosso redor e que se opõe a Deus para satisfazer a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida (cf. 1Jo 2,15-17). Uma sociedade que exclui a Deus revela-se sua opositora e torna o homem escravo de si mesmo e escravo do mundo distanciando-o de sua verdadeira função que é ser servo de Deus e do Cordeiro (cf. Jo 15,19)⁸. A corrupção desta ordem incorre no afastamento do homem da presença de Deus⁹. A exclusividade da doação a Deus está impressa no termo δούλος (servo). O servo não pode subtrair-se sem sofrer as consequências e é ilusão pensar que o homem, “servo de Deus”, poderia exercitar sua servidão sem concentrar todas as forças no cumprimento de uma observância exclusiva das Leis de seu Deus, pois ser servo de Deus é permanecer liberto da servidão imposta pelo mundo (cf. Jo 15,19).

O segundo grande inimigo do homem é a carne, aqui entendida como a velha natureza que herdamos de Adão¹⁰, uma natureza que se opõe a Deus e

7 Cf. DANKER, F. W.; *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*, p. 561

8 A exclusividade da doação a Deus está impressa no termo dou/loj. O servo não pode subtrair-se sem sofrer as consequências e é ilusão pensar que o homem, “servo de Deus”, poderia exercitar a doulei, a sem concentrar todas as forças no cumprimento de uma observância exclusiva das Leis de seu Deus.

9 Cf. FOERSTER, W., “kurioj, *GLNT*, vol. V, 1341-1488.

10 Na língua hebraica “carne” possui como sentido fundamental de tecido muscular, o corpo humano vivo (cf. Gn 2,21; Êx 4,7). No Novo Testamento, dentre os vários sentidos semânticos destacamos o de fragilidade, precível, limitada (cf. Jo 3,6; Fl 3,3; Rm 6,19; 7,5.18.25; 2Cor 1,17; 1Tm 3,16). Cf. BORN, A. Van DEN; *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes 1977, col. 247-248.

que não deseja fazer qualquer coisa espiritual para agradar a Deus por causa de sua fraqueza moral¹¹.

O ser humano, por ser dual, pertence tanto ao um mundo espiritual quanto ao mundo natural, por esta razão, pode ser atacado por forças espiritualmente más, e por forças e tendências decaídas.

A ingenuidade e a força humana não são armas apropriadas para se lutar contra tais poderes, por esta razão, o apóstolo deixa instruções precisas com o propósito de garantir ao cristão a vitória na batalha (cf. Ef 6,13-17). Apesar de o inimigo não ser onipotente, onisciente ou onipresente, é organizado e por todo o mundo age com o propósito único de derrotar o povo de Deus e sua igreja.

1Cor 11,23-26

23Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão 24e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”. 25Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”. 26Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha. Aqui estamos diante do mais antigo texto eucarístico.

Na igreja primitiva a Eucaristia era celebrada dentro de uma ceia comum, que reunia os fiéis de modo fraterno (ágape), expressão do amor mútuo dos cristãos.

A eucaristia era uma “memória”, um *zicaron* termo veterotestamentário¹² que impede que se entenda a ceia como mera lembrança psicológica. Trata-se de verdadeira atualização, sob forma sacramental. De fato, na Missa, participamos eficazmente do evento salvífico da morte de Jesus; e esta participação compromete e responsabiliza o nosso ser e agir.

O texto se articula basicamente da seguinte forma: lembrança da traição e da Ceia do Senhor (v.23-26) e a exortação a celebrá-la dignamente (v.27-34).

A ceia do Senhor é convívio com Cristo e com os irmãos. Cristo é o ponto de partida da corrente que liga as gerações cristãs desde o tempo fundante das origens: recebi do Senhor (v.23), por meio de uma tradição.

Jesus foi entregue – o verbo *paradidónai* (entregar,trair) engloba a traição de Judas e também o desígnio salvífico de Deus que quer resgatar a criatura humana. Jesus quis, desejou e livremente se entrega não à maldade

11 Cf. DANKER, F. W.; *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*, p. 566.

12 O verbo *zkr* não se limita a indicar mera memória, antes é a memória dos grandes feitos divinos. Por esta recordação confessamos a atualidade dos atos salvíficos de Deus.

humana, mas à vontade de Deus. Entrega-se para resgatar, através de seu Preciosíssimo sangue toda a humanidade.

As palavras sobre o cálice indicam uma estrita relação entre a morte de Jesus (=sangue) e a Nova Aliança de Deus com o povo. Tal qual o pacto sinaítico, é celebrado agora por Jesus como um pacto com a humanidade, com o novo povo de Deus que é a sua Igreja e este pacto torna-se real através do sacramento eucarístico.

O Apóstolo declara com estupefação que o cálice de bênção que abençoamos é a comunhão com o sangue de Cristo e que o pão é que quebramos a comunhão com o corpo de Cristo (cf. 1Cor 10,16-17). Daqui destacamos dois elementos: primeiro - a comunhão eucarística é sacrificial porque o sangue de Cristo e o corpo de Cristo são aquilo que foi oferecido como um verdadeiro sacrifício no Calvário (cf. 1Cor 10) e sacramental, pois sob as aparências do pão está contido o verdadeiro corpo de Jesus, e sob as aparências do vinho o seu sangue, como alimento para o cristão; segundo - a comunhão do Corpo Místico de Cristo realiza em nós o mistério da unidade pois, apesar de sermos muitos, somos um só pão e um só corpo.

Através da Eucaristia os fiéis entram em relação direta com a carne e o sangue de Jesus Cristo, nosso redentor que quis celebrar uma nova aliança que não será mais quebrada; será uma aliança eterna porque superior a todas as anteriores e insuperável: Deus se entrega! Seu preciosíssimo sangue é agora o penhor da nossa redenção e nada mais poderá superar esta demonstração de amor.

Cristo é o mediador desta Nova Aliança, Nele e por Ele ela acontece. Celebrar o rito eucarístico significa, pois, para a Igreja participar desta realidade de amor sacrificial, de um amor expiatório, que não se furta a dar a vida por aquele que nada pode fazer para salvar a si mesmo, para sair da triste situação em que se lançou – o pecado, o afastamento de Deus.

Bento XVI nos recorda que o *ziraroni* que Jesus deu a este ato o transforma em uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia (cf. Jo 6,31-33). O Logos, a sabedoria eterna, tornou-se verdadeiramente alimento para nós — como amor. A Eucaristia arrasta-nos no ato oblato de Jesus. Não é só de modo estático que recebemos o Logos encarnado, mas ficamos envolvidos na dinâmica da sua doação¹³.

Por esta razão, ao comungar do corpo e do preciosíssimo sangue de Cristo nos tornamos arautos de sua morte e ressurreição até que Ele venha.

A Eucaristia, Corpo e Sangue de Cristo, é a maior dádiva que o Senhor deu à Sua Igreja, e, ela mesma vive da Eucaristia, vive do Corpo e Sangue do

13 Cf. Deus caritas est, nº 13.

seu Senhor. A Igreja é o corpo do Senhor. A Igreja, corpo místico de Cristo, alimenta seus filhos com o Corpo e Sangue do Senhor.

Ser alimentado pelo preciosíssimo sangue de Cristo significa, pois, ter a vida de Cristo, viver de Cristo, ser um com o Cristo.

Contudo, aquele que participa indignamente da Ceia do Senhor estará comendo e bebendo seu próprio juízo (cf. 1Cor 11,27-29). A expressão indignamente descreve o modo de participação na ceia, isto é, a pessoa que não leva a sério a Eucaristia está achincalhando o sacrifício de Cristo e está se condenando por não discernir o corpo de Cristo. Por esta razão, devemos ser muito cuidadosos cada vez que participarmos da Ceia do Senhor, cada vez que nos aproximamos de seu Preciosíssimo sangue.

Referências

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bento XVI - Deus Caritas Est.

BARABAGLIO, G. *As Cartas de Paulo I*. São Paulo, Loyola, 1989.

BARABAGLIO, G. *As Cartas de Paulo II*. São Paulo, Loyola, 1989.

BORN, A. Van DEN; *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes 1977.

DANKER, F. W.; *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*. Chicago/Londres, University of Chicago Press, 2000.

FOERSTER, W., “kurioj, *GLNT*, vol. V. Brescia: Paideia, 1970,.

HOLLADAY W. L., *The Root Šûbh in the Old Testament, with particular reference to its usages in covenantal contexts*. Leiden; Brill, 1958.

VETTER, D., “hNEhi”, *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento II*, Madrid: Cristiandad, 1978.

Como citar:

MACHADO, Maria Clara da Silva. A caridade do Preciosíssimo Sangue nos escritos paulinos . Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 253-265, jul./dez.2023.